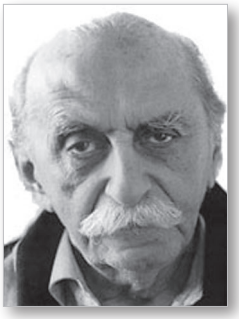
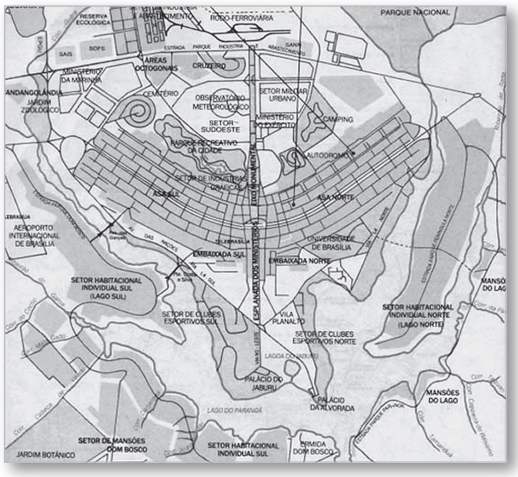
Lucio Costa, um gênio inovador

Luciâni Gomes, Maria Beatriz Pedroso e Patrícia Braga

Em junho de 2008, se completam 10 anos da morte do arquiteto Lucio Costa. Não fosse seu pensamento e trabalho, talvez as famosas construções sobre pilotis, com sustentação feita por pilastras, nunca existissem. Inspirado no que se fazia na Europa, Lucio Costa deu os principais traços do que veio a ser a arquitetura moderna brasileira.



Na década de 1920, enquanto o pensamento moderno já florescia no mundo, com grandes expoentes como Frank Lloyd Wright, nos EUA, e Le Corbusier, na França, no Brasil ainda não se tinha sinal dele; o Ecletismo, resultado da mistura de diversos estilos, predominava. Lucio Costa foi o primeiro a perceber que a arquitetura no Brasil estava ultrapassada.



Lucio Costa e a plano piloto do seu mais famoso projeto: Brasília

Lucio nasceu na França, em 1902. Seu pai, oficial do governo, estava em missão oficial na Europa, onde cresceu, e teve a oportunidade de conhecer e conviver com diferentes culturas desde bem cedo.

A revolução artística que acontecia na Europa na década de 1920 exerceu grande influência sobre o trabalho do arquiteto. Lucio Costa largou o Ecletismo no final da década de 1920, e passou a projetar casas no estilo moderno. Sem conseguir trabalhos, desenhava diversas "casas sem dono", rabiscos, muitos dos quais nunca chegaram a ser construídos. Decidido a trazer o modernismo para o país, estudou as diferentes correntes que se espalhavam pelo mundo naquele momento, principalmente os fundamentos conceituais do trabalho do arquiteto francês, Le Corbusier.

Otávio Leonídio, professor de arquitetura da PUC-Rio, em entrevista, afirmou que "o projeto de Le Corbusier difere-se por apostar no impacto da obra bela, de algum modo herança do pensamento clássico, da clareza e do equilíbrio, o que possivelmente levou Lucio Costa a preferi-la". Leonídio lançou em fins de 2007 o livro *Carradas de razões – Lucio Costa e a arquitetura moderna brasileira*, sobre o período de maior desenvolvimento do pensamento moderno do arquiteto, da década de 1920 a 50.

"Lucio Costa foi um homem único, tão diferente e especial, tinha uma cabeça de Europa. Foi a primeira pessoa no Brasil a perceber que o mundo tinha mudado depois da Primeira Guerra.", disse Hugo Hamman, arquiteto que trabalhou com Lucio Costa no Plano da Barra da Tijuca.

A escolha de qual tendência trazer de fora tinha que ser feita levando-se em conta o que mais combinaria com a cultura do país. A Bauhaus, na Alemanha, era uma das tendências da época, mas foi logo descartada por requerer uma indústria já estabelecida, quando o Brasil ainda não possuía uma indústria siderúrgica. A utilização do concreto era mais adequada ao clima tropical brasileiro que a do metal, da Bauhaus, que armazena muito calor.

"Lucio Costa, é de fato uma espécie de artífice, estava ali pensando nessas coisas, mexendo os pauzinhos dele pra que isso (modernismo) se realizasse. Tinha uma obsessão, que era fazer com que o Brasil se modernizasse segundo o modelo que ele achou que seria o melhor pro Brasil", disse Leonídio. Foi após essa tomada de rédea inicial da arquitetura brasileira que Lucio Costa assumiu cada vez mais o papel de definir os rumos que nossa arquitetura tomaria.

Um primeiro passo rumo à modernização do pensamento brasileiro em relação às artes foi a Semana de Arte Moderna, em São Paulo, 1922. O evento teve muito mais impacto na literatura e nas artes plásticas, com Mário e Oswald de Andrade e Anita Malfatti, que na arquitetura.

O modelo paulista, carro-chefe da modernização brasileira, havia decidido que, no Brasil, a modernidade viria aliada à identidade nacional. A idéia era resgatar as raízes brasileiras, nossa cultura, sem a influência dos países desenvolvidos, o que já havia ocorrido nas décadas anteriores à manifestação.

Lucio Costa conseguiu aliar todos os elementos para que o movimento de fato acontecesse. Lia e escrevia muito; foi o responsável por formular conceitualmente a existência de um movimento de arquitetura moderna brasileira; e foi graças a isso que a arquitetura moderna brasileira chegou aonde chegou.

"O trabalho dele é de grande sofisticação conceitual. A ponto de resolver as questões que os modernistas da literatura e das artes plásticas não tinham sido capazes de resolver. É bom lembrar que as obras de Mário e de Oswald de Andrade de certa forma não dão conta disso. Mário de Andrade morre, deprimido, porque não conseguiu resolver e achando que o projeto terminou fracassado", completa Leonídio.

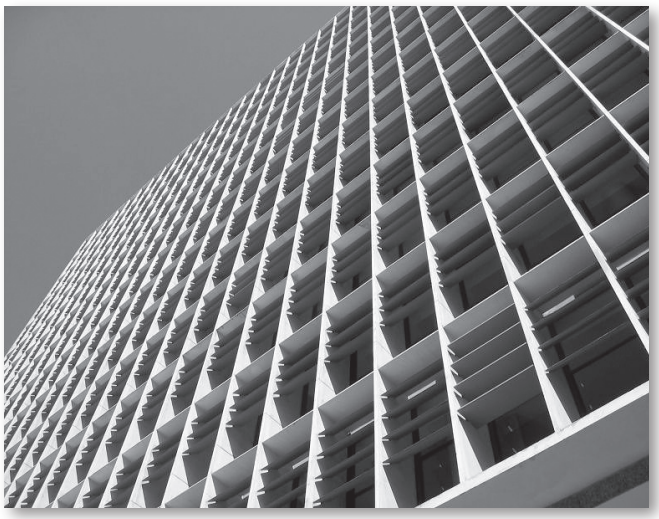
A trajetória do artista

Lucio Costa obteve o título de arquiteto na Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro em 1924. Logo em seguida viajou à Diamantina, Minas Gerais, o que o colocou diante da simplicidade da arquitetura civil do período colonial, diferente do que fazia. Cinco anos depois mudou radicalmente o rumo de sua atuação profissional, rompendo com o movimento neocolonial e procurando a linguagem plástica correspondente à tecnologia construtiva do seu tempo.

Ao ser escolhido como o arquiteto responsável pela construção do edifício sede do Ministério da Educação e Saúde (1936), o Palácio Capanema, Lucio Costa convenceu o então presidente Getúlio Vargas e o

Vista de uma das grandes avenidas de Brasília

Asa Sul de Brasília



Palácio Gustavo Capanema

Maquete de Brasília

Esplanada dos Ministérios

Lúcio Costa e Hugo Hamman

Ministro da Educação, Gustavo Capanema a inovar na construção e trazer Le Corbusier ao Brasil. Foi o artista francês que fez os traços iniciais do que seria o prédio. Com o edifício, o Brasil chegou a ser referência como uma das maiores arquiteturas do mundo. A cortina de vidro é uma das inovações apresentadas pelo prédio, que por uma década foi considerado o mais moderno do mundo.

Já com projeção internacional, em 1938, Lucio Costa é co-autor do projeto do pavilhão brasileiro para a Feira Universal de Nova York, que ficou reconhecido como um dos mais bonitos da Feira (1939).

Para a escolha do arquiteto responsável pelo projeto foi feito um concurso, do qual Lucio Costa saiu vencedor e Oscar Niemeyer ficou em segundo lugar. Lucio Costa imediatamente discordou do resultado, por acreditar que o projeto apresentado por Niemeyer era melhor, e recusou-se a realizar o seu. Com a recusa de Lucio Costa, o projeto apresentado por Niemeyer deveria então ser o executado, mas Niemeyer também se recusou. A solução então foi convidar os dois arquitetos, Lucio Costa e Oscar Niemeyer, para realizarem juntos um novo projeto. Da união de idéias originou-se o famoso pavilhão.

O passo seguinte seria a construção da capital federal, Brasília. Mais uma vez Lucio Costa e Niemeyer juntos, como urbanista e projetista, respectivamente. O trabalho foi o que coroou a reputação profissional que ambos já possuíam no Brasil e no exterior. O projeto em equipe era possível graças ao respeito pelo trabalho e capacidade um do outro.

Após Brasília, Lucio Costa recusou, em um primeiro momento, a assumir o Plano da Barra da Tijuca. Porém, voltou atrás e aceitou apenas dar as diretrizes básicas do projeto, deixando os arquitetos e projetistas livres. Essa liberdade fez com que Lucio Costa pouco visse da Barra o que havia pensado da construção. Desse tempo, traz recordações curiosas, que revelam um pouco do gênio de um dos maiores arquitetos do mundo. Para Hamman, a inteligência, a perspicácia e a integridade ética eram traços marcantes na personalidade de Lucio Costa, apontado por algumas pessoas como detentor de uma personalidade difícil e centralizadora.

O arquiteto Hugo Hamman conheceu Lucio Costa, “o professor”, como o chama, quando ainda era universitário e participou como estagiário do Plano. “No meu primeiro dia de trabalho, quando foram me apresentar ao Lucio Costa, ele me disse: ‘eu não tenho nada contra você, você parece ser um rapaz muito simpático, mas eu preferia que você não estivesse aqui’”, contou Hugo Hamman.

"Lucio Costa era o intelecto, o professor. Quem abriu as cabeças. Tinha a cultura e a vivência que os outros não tinham. Via o potencial dos jovens profissionais e os trazia para trabalhar com ele"

Hugo Hamman

Oscar Niemeyer, Israel Pinheiro, Lúcio Costa e o presidente Juscelino Kubitschek

O projeto já contava com gente demais. O jovem universitário não desistiu e continuou indo às obras todos os dias, até começar a ser parte dele, nos anos 1970. Dez anos após iniciado o projeto, Hugo ainda estava na equipe. Quando foi afastado do projeto, Lucio Costa escreveu uma carta defendendo os membros de sua extinta equipe e manifestando sua insatisfação com o que havia se tornado o projeto.

Hamman contou ainda do faro de Lucio Costa para encontrar e desenvolver talentos, como Oscar Niemeyer, Burle Marx, dentre outros. "Lucio Costa era o intelecto, o professor. Quem abriu as cabeças. Tinha a cultura e a vivência que os outros não tinham. Via o potencial dos jovens profissionais e os trazia para trabalhar com ele", contou Hugo Hamman.

Muito observador e, perto de sua casa, costumava reparar num jardim, que acreditava ser muito harmonicamente arranjado. Por trás da obra, estava o jovem Roberto Burle Marx, então com 17 anos. Um dia, ao descobrir o jovem responsável pela construção do jardim, Lucio Costa lhe fez um convite, assim que tivesse um jardim em seus projetos, delegaria ao rapaz. Foi então que, anos depois, eles projetaram muitas plantas juntos.

"Nenhum texto compete com o Museu de Niterói"

A frase dita por Leonídio leva-nos a uma análise com maior clareza sobre porque o arquiteto Oscar Niemeyer é mais conhecido tanto mundialmente como no Brasil quando se pensa em arquitetura moderna brasileira. São poucos os que associam o período ao nome de Lucio Costa. Leonídio acredita ser por uma questão de personalidade, principalmente: "Lucio Costa não tinha notoriedade pública ou popular e talvez não tenha buscado isso. Já o Oscar tem uma capacidade de promover a própria obra extraordinária, o que ele aprendeu com Le Corbusier, que era o maior divulgador não só da própria obra como da própria personalidade".

Foi com Lucio Costa que Niemeyer começou seu aprendizado. Estagiou com ele e participou das discussões com Le Corbusier acerca da construção do Palácio Capanema, juntamente com outros arquitetos que chamou para dividir o projeto: Carlos Leão, Ernani Vasconcellos, Jorge Moreira e Affonso Eduardo Reidy. Foi com o Plano Piloto, projeto de urbanização para Brasília, já com o movimento consolidado, em fins da década de 1950, que Lucio Costa ganhou maior projeção, ao lado de Niemeyer, projetista dos prédios da capital nacional.

A partir de 1960 Lucio Costa começa a colher os frutos obtidos da década anterior, recebe o título de *Doutor Honoris Causa* pela universidade de Harvard, nos Estados Unidos, e viaja pelo mundo participando de conferências sobre urbanismo.

Olhados juntos, o trabalho de um com certeza não teria o mesmo valor sem o trabalho do outro. Afinal, a arquitetura moderna brasileira ganhou notoriedade internacional graças às idéias trazidas por Lucio Costa e executadas por Niemeyer, que foi quem lhe deu visibilidade. Enquanto Niemeyer foi e é o projetista de renome, Lucio Costa foi o pensador, produtor dos diversos textos que trouxeram e consolidaram a arquitetura moderna no Brasil.

Lucio Costa sabia do valor de suas obras e que seu poder estava ao alcance de suas idéias e no que elas poderiam fazer, assim como fizeram. De vida reclusa, viveu grande parte de sua vida em seu apartamento na Av. Delfim Moreira, no Leblon, e não pedia muito mais que isso para ser feliz. Ainda jovem, teve sua vida marcada pela morte de sua mulher, em um acidente de carro no qual ele dirigia. Ficou viúvo, com duas filhas pequenas, Maria Elisa e Helena, e não se casou novamente. Terminou a vida como um homem notável, porém sem grandes posses. Nunca quis ter seu próprio escritório e durante sua vida inteira foi funcionário público. Trabalhava seus projetos nos próprios terrenos, pois achava que só essa proximidade permitiria ao arquiteto fazer um bom projeto.